

() Graduação (X) Pós-Graduação

EDUCAÇÃO INFANTIL E BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: principais conceitos a partir da abordagem curricular de Reggio Emilia

Caroline de Oliveira Rocha
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
carol.rocha236@gmail.com

Fernanda Cristina Martins Martti
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
marttins671@gmail.com

Ione da Silva Cunha Nogueira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
ionescnogueira@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade compreender alguns conceitos presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) à luz da abordagem curricular de Reggio Emilia. A proposta está fundamentada em Estudos Bibliográficos e terá como foco trazer os conceitos presentes na abordagem Reggio Emilia de criança e infância, espaço e tempo, relação e interação para então buscarmos compreender a proposta descrita para a Etapa da Educação Infantil na BNCC/2018, a partir desses conceitos. Com base na literatura utilizada, percebeu-se que, assim como a abordagem de Reggio Emilia, a BNCC também enxerga a criança como sujeito ativo e participante de seu processo de ensino e aprendizagem, estimulando suas diferentes linguagens, valorizando a interação e brincadeira para seu processo de desenvolvimento, no entanto, esse documento apresenta uma visão instrumental de organização curricular, vinculada a um modelo neoliberal e fundamentada na concepção de competências, que contribui para homogeneização e limitação do trabalho docente.

Palavras-chave: Reggio Emilia; BNCC; Infância.

1 INTRODUÇÃO

Reggio Emilia é uma cidade italiana muito conhecida pela abordagem curricular para a educação da infância, voltada para a escuta e valorização dos interesses e potencialidades da criança. A especificidade dessa abordagem se inicia logo com seu surgimento: após o episódio traumático da Segunda Guerra Mundial, os próprios moradores do município - que haviam

perdido tudo na guerra - se uniram para a construção de escolas para crianças pequenas, depositando na educação a esperança de um futuro melhor e pacífico para seus filhos (SÁ, 2010).

Foi a necessidade de uma educação infantil que rompesse com a tendência assistencialista vigente da época, que fez com que as famílias enxergassem diferentes possibilidades para a educação, com uma escola de qualidade, livre de discriminações. Atraído pelo projeto e encantado com a participação dos pais na construção das escolas, Loris Malaguzzi seguiu para a região para acompanhar de perto esse projeto educativo inovador (*Idem*, 2010).

Para Sá (2010), Reggio Emilia é uma escola em constante transformação, aberta às mudanças e ao diálogo e que conta com a efetiva participação de toda a comunidade escolar para qualquer tomada de decisão. Foca na aprendizagem através da escuta e interação, na valorização da curiosidade espontânea da criança, a fazendo protagonista de seu processo de construção do conhecimento. Com isso, sua abordagem para a educação da infância torna-se inspiração para o mundo todo.

No Brasil, a educação da criança pequena é regida por leis e orientada por documentos oficiais produzidos pelo Ministério da Educação, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse trabalho se propõe a analisar este último

A BNCC é um documento de caráter normativo, que “define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018). Ela é resultado de um conjunto de reformas curriculares que vem acontecendo no Brasil desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, seguida pela homologação da LDB de 1996 e do Plano Nacional de Educação (2014-2024), configurando-se também como uma exigência de organismos internacionais. Desse modo, começou a ser formulada ainda no primeiro semestre de 2015.

Desde a sua formulação até a homologação de sua versão final, a BNCC tem se tornado alvo de muitas polêmicas, dividindo opiniões de professores e pesquisadores da área da educação. Suas principais críticas giram em torno da discussão sobre até que ponto ela deixa de ser um instrumento norteador para se tornar uma prescrição curricular, homogeneizando conteúdos e limitando a autonomia dos educadores.

Por se tratar da normativa vigente que deve nortear a construção dos currículos e práticas pedagógicas de todas as escolas brasileiras, públicas e privadas, além de provocar mudanças em políticas educacionais de formação inicial e continuada de professores, materiais didáticos

e avaliações, este estudo foi orientado pela seguinte problemática: Quais as diferenciações e aproximações entre a abordagem educacional de Reggio Emilia e a proposta de educação infantil da BNCC?

Dessa forma, tem como finalidade estabelecer possíveis correlações entre as práticas pedagógicas propostas pela BNCC para a educação da infância e a abordagem educacional de Reggio Emilia. Para isso, utiliza-se da pesquisa bibliográfica, em uma abordagem qualitativa, visto que ela, além de ser a base fundamental para o todo de uma pesquisa, possibilita conhecer a produção científica produzida sobre a temática (PIZZANI, *et al.*, 2012). Como principal aporte teórico utilizamos os estudos de Sá (2010), Edwards, Gandini e Forman (2016) sobre a abordagem educacional de Reggio Emilia, a proposta para educação infantil da BNCC (BRASIL, 2018), dentre outros autores que analisam esse documento e sua proposta para a educação da primeira infância.

Os resultados dessa pesquisa bibliográfica foram organizados em três partes: na primeira, apresenta-se a abordagem educacional de Reggio Emilia e suas principais características. Na segunda, apresentamos as propostas da BNCC para a educação infantil, buscando estabelecer correlações com a abordagem de Reggio Emilia e, por fim, tecemos algumas considerações finais.

2 A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA EM REGGIO EMILIA

A abordagem Reggio Emilia oferece novas formas de pensar a criança, o professor e toda a organização do espaço escolar. O desenvolvimento do processo educativo se dá através da escuta, definida pela vontade do professor em aprender enquanto ensina. A princípio, a intenção era que o docente aprendesse a dar aula com as crianças, e partindo disto, pensar formas eficazes para ajudar no processo de aprendizagem. Com isso, houve uma mudança em relação ao professor como detentor do conhecimento, passando a valorizar mais o conhecimento da criança.

A própria organização dessas escolas é diferente: no lugar de classes, temos as seções, que correspondem a organização de crianças por idade ou por diferentes idades. Para cada 13 crianças, é necessário um adulto. A organização dos profissionais que trabalham nessas escolas é distribuída da seguinte forma:

[...] onze professores (dois para cada seção); um professor com tempo longo (para atender as crianças de famílias que necessitam buscar seus filhos após as 16 horas); um pedagogo; – um atelierista; uma cozinheira (participa de forma ativa, atua como formadora por elaborar a dieta das crianças); três

auxiliares (ajudam as cozinheiras e a limpeza); três auxiliares (trabalham à noite na limpeza completa e na manutenção da escola). (SÁ, 2010, p. 61)

Por se tratar de um ambiente inovador, as escolas de Reggio Emilia continuam passando por mudanças, estando sujeitas a constantes reconstruções. Consideram fundamental a interação entre escola e família, de modo que haja participação de ambas as partes.

De acordo com Malaguzzi (1999, p. 62), a intenção deles é:

[...] reconhecer o direito da criança de ser protagonista e a necessidade de manter a curiosidade espontânea de cada uma delas em um nível máximo. Tínhamos de preservar nossa decisão de aprender com as crianças, com os eventos e com as famílias, até o máximo de nossos limites profissionais, e manter uma prontidão para mudar pontos de vistas, de modo a jamais termos certezas demasiadas.

Nas palavras de Fillipini (2009): “Cada um de nós tem o direito de ser protagonista, de ter papel ativo na na aprendizagem na relação com os outros. Esse é o motor da educação”. Isto quer dizer que, Reggio Emilia enxerga a escola como um ambiente para se viver e acredita na capacidade e nas diferenças entre as crianças, além de enxergá-las de forma positiva.

A relação de ensino-aprendizagem envolve diversos saberes que designam uma mutualidade, procurando-se compreender a criança, a família e toda a equipe que trabalha a favor do conhecimento. O ouvir é recíproco nesta abordagem e a importância dada a esse tipo de interação não é improvisada, pois, para esses professores, o desenvolvimento dos educandos se dá por meio do processo de interação, em prol disso, quanto mais desenvolvida possa ser a criança, mais competente será o professor e a escola. Dessa maneira, é uma educação fundamentada na relação e interação por meio do diálogo e de encontros entre as crianças, os professores e a família.

[...] essa espécie de abordagem revela muito sobre a nossa filosofia e nossos valores básicos, que incluem os aspectos interativos e construtivistas, a intensidade dos relacionamentos, o espírito de cooperação e o esforço individual e coletivo na realização de pesquisa. Apreciamos diferentes contextos, damos uma grande atenção à atividade cognitiva individual dentro das interações sociais e estabelecemos vínculos afetivos. [...] Deixamos verdadeiramente para trás uma visão da criança como egocêntrica, focalizada apenas na cognição e nos objetivos físicos, cujos sentimentos e afetividade são subestimados e menosprezados (MALAGUZZI, 1999, p. 76).

O intuito desses educadores é nortear as escolhas da criança. Se o aluno for considerado um depósito de saberes, por consequência, o professor será considerado o detentor de todo o conhecimento, e assim continuaremos com o método tradicional e metódico de ensino, em que estar na escola é algo desinteressante para a criança. Já quando a visão que se tem da criança é forte, vigorosa e prestigiosa, apta a construir meios de aprendizagens baseados em sua atualidade, que decide sozinha e com a relação com o outro consegue construir o conhecimento,

levará a outro processo de organização pedagógica.

Os professores também são pesquisadores, devem constantemente questionar suas certezas e seus métodos de ensino, assumindo um estilo crítico de pesquisa, para sempre atualizarem o conhecimento das crianças, além de terem habilidades para ouvir, conversar e aprender com os pais e com as crianças. Esses educadores precisam entrar no tempo das crianças, assim, ouvi-las é essencial para que o trabalho pedagógico aconteça. Para Malaguzzi, educação sem pesquisa é educação sem interesse. Desse modo, os docentes precisam ter um conhecimento básico acerca das várias áreas de conteúdo de ensino, para que assim consigam transformar esse conhecimento em “cem linguagens e em cem diálogos com as crianças” (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016, p. 71).

O ateliê é um espaço em que as crianças podem pôr em prática essas diferentes linguagens. Elas podem utilizar variadas técnicas, como o desenho, pintura, esculturas, dramatizações, colagens, dentre outras linguagens simbólicas. Ao mesmo tempo, esse espaço permite que os educadores compreendam e estudem essas linguagens, assim, o ateliê também constitui um lugar de pesquisa. Existe um ateliê central na escola, mas também cada seção conta com um miniateliê, permitindo o encontro da criança com as novas linguagens da escola (SÁ, 2010).

As atividades não possuem tempo contado, o professor não precisa seguir um currículo - aliás, nem existe um currículo prescrito em Reggio Emilia -, as crianças podem ficar à vontade na construção de suas próprias tarefas podendo até continuar no outro dia, a sala de aula não é algo comum nessa abordagem e o brincar é o principal exercício de aprendizagem.

[...] é uma abordagem na qual a importância do inesperado e do possível é reconhecida, um enfoque no qual os educadores sabem como ‘desperdiçar’ o tempo ou, melhor ainda, sabem como dar às crianças todo tempo que necessitem. É uma abordagem que protege a originalidade e a subjetividade, sem criar o isolamento do indivíduo, e oferece às crianças a possibilidade de confrontarem situações especiais e problemas como pequenos grupos de camaradas (RINALDI, 1999, p. 114).

De acordo com relato de professores nas escolas de Reggio Emilia, entende-se que as ideias são baseadas em diversão e brincadeira. Mas também não são criadas aleatoriamente, pelo contrário, são fundamentadas em observações e explorações referente ao que realmente é importante para a criança, levando em consideração o que ela diz e o que ela não diz. O processo de organização acontece por meio de reuniões que envolvem professores e a família. De acordo com Rinaldi (1999), quando falamos em projetos, é preciso organizar o planejamento em quatro aspectos: (I) trabalho em equipe, que se baseia na comunicação visando atender as ideias dos componentes do grupo, da capacidade, comprometimento, profissionalismo e independência do

educador;(II) a relação, principalmente entre família e escola; (III) o espaço, preocupando-se com a arquitetura, no espaço, nos móveis e (IV) o envolvimento das crianças nas tarefas:

Naturalmente, todos esses aspectos são interdependentes. Não pode haver, por exemplo, um planejamento de atividades sem o rapport profissional entre os adultos e sem que o ambiente esteja organizado e enriquecido de modo a manter nossa abordagem educacional. (RINALDI, 1999, p. 118)

Os pais estão constantemente dentro da escola e se importam em presenciar os métodos e projetos realizados, sendo ou não seu filho, porque o que importa é o desenvolvimento educativo vivenciado na escola e não de cada criança. Nesse aspecto, a documentação é muito importante, pois está relacionada diretamente em ouvir a criança, analisando-a e observando-a em todos os aspectos. É organizado em três eixos principais: a escrita interpretativa do educador; fotografias e fala das crianças com a participação de todos, inclusive da criança. Essa documentação é fixada na parede e não é descartável, fica exposta para toda a comunidade escolar. Ainda é feito um trabalho de interpretação, onde o aluno lê a documentação que ele mesmo elaborou e depois a que foi elaborada através de seu trabalho. Outro propósito desta documentação é formar e informar os processos de aprendizagem da escola à família, através dela, todos participam e entendem as decisões tomadas sobre como e o quê ensinar.

Outro ponto que merece destaque na abordagem de Reggio Emilia é sua arquitetura. Nessas escolas, o ambiente também possui um valor educativo, devendo ser acolhedor e alegre. A arquitetura das escolas deve ser pensada de forma a favorecer a aprendizagem, a interação e a exploração, interconectando todos os espaços. Sendo assim, destaca-se o uso de transparências, paredes vazadas que permitem à criança observar vários espaços de vários ângulos (SÁ, 2010). Na próxima seção, abordaremos a relação dessa abordagem com o que é proposto para a educação da primeira infância no Brasil.

3 A BNCC E SUAS PROPOSTAS PARA A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) se apresenta como um documento completo e atual, importante para atender às demandas do aluno contemporâneo e o preparar para o futuro. Ela visa reduzir a desigualdade educacional existente no Brasil, contribuindo para uma educação de qualidade que garanta que todos os estudantes brasileiros tenham acesso ao mesmo conjunto de aprendizagens consideradas essenciais, expressas por meio do estabelecimento de dez competências gerais para a educação básica.

Assim como todo projeto curricular, a BNCC também foi desenvolvida em um movimento de contradições, debates e disputas entre grupos sociais que defendem diferentes

posicionamentos políticos, pedagógicos e ideológicos. Em vista disso, Barbosa *et al.* (2018) evidencia que nesse campo de embates prevaleceu a hegemonia de ideais neoliberais, através da concepção de competências ganhando espaço na educação. Durante a elaboração das duas primeiras versões do documento, Barbosa *et al.* (2018) nota que houve uma tentativa de incluir a sociedade. Porém, esses debates acabaram privilegiando um grupo de especialistas em detrimento de toda a sociedade organizada, desvalorizando conhecimentos produzidos por professores e pesquisadores da área.

A BNCC da educação infantil e ensino fundamental foi regulamentada e aprovada pela Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro 2017, já a do ensino médio pela Resolução nº 4, de 17 de dezembro de 2018, constituindo uma reforma curricular que instituiu como nova base epistemológica da educação brasileira a pedagogia das competências (GIARETA; LIMA; PEREIRA, 2022).

A etapa da educação infantil estabelece seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que devem ser assegurados ao longo dessa etapa da educação básica, são eles o de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. É estruturada em cinco campos de experiências: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação e espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Esses campos são arranjos curriculares que pretendem relacionar a vida cotidiana das crianças com os conhecimentos constituintes do patrimônio cultural. Cada um define objetivos de aprendizagem, que são organizados em três grupos, considerando a faixa etária da criança: bebês (0 a 1 ano e 6 meses), crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 à 5 anos e 11 meses). (BRASIL, 2018).

Partilhando o mesmo entendimento das DCNEI (2009) sobre a criança, a BNCC a considera como:

[,,] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 12 apud BRASIL, 2018, p. 37).

Desse modo, é possível identificar que, assim como Reggio Emília, a base tem uma visão potente de criança, como ativa, poderosa e capaz de construir conhecimentos através da interação com seus pares e adultos. Inclusive, outra aproximação entre essas abordagens corresponde à importância dada às interações e brincadeiras. Seguindo as DCNEI (2009), a BNCC apresenta a brincadeira e interação como eixos estruturantes das práticas pedagógicas, que possibilitam a socialização, a aprendizagem e o desenvolvimento integral da criança,

sempre articulando as propostas pedagógicas com as experiências concretas das crianças na família e na comunidade em que vivem (BRASIL, 2018).

A base também menciona, nos direitos e objetivos de aprendizagem, a importância de dar espaço para a utilização de múltiplas linguagens, o que se aproxima com o que é proposto em Reggio Emilia. Nessa abordagem, parte-se da compreensão que a criança tem com linguagens através das quais pode expressar-se, e todas elas devem ser levadas em consideração e estimuladas pela escola.

Sem dúvidas, um primeiro distanciamento da BNCC com a abordagem Reggio Emilia é a própria organização da base. Nas escolas de Reggio Emilia não existe um currículo prescrito, também não se fala em objetivos de aprendizagem, competências ou conteúdo. Conforme Sá (2010), nelas, o processo de ensino e aprendizagem é organizado através de projetos, que partem do desejo e necessidade de cada criança ou grupo de crianças, assim, não tem como definir, para cada criança diferente, um mesmo currículo prescrito.

Corroborando com esse entendimento, Barbosa *et al.* (2018) ressalta que a educação da primeira infância não deve ser tratada de forma instrumental e baseada em linearidades, como a BNCC apresenta, pois isso acaba contribuindo para um processo avaliativo e formativo homogeneizador tanto para as crianças quanto para seus educadores.

Outro ponto que causou muitas críticas na versão final do documento refere-se à ênfase dada aos processos de alfabetização, principalmente na leitura e escrita. Segundo Barbosa, Martins e Mello (2019, p. 163): “Essa ênfase, antecipa modelos de escolarização presentes nas etapas posteriores, negligenciando ou reduzindo, de maneira significativa, outras experiências e vivências relacionadas às cem linguagens (e cem mais) das crianças”.

Para Barbosa, Silveira e Soares (2019, p. 84), ao assumir como eixo a noção de competências, a base apresenta uma visão empresarial e:

[...] uma visão instrumental, que serve para organizar não só o que a criança deverá aprender como também controlar o trabalho docente. Entende-se, desse modo, o aparecimento no documento da Base a identificação dos campos de experiência e objetivos de aprendizagem por um código alfanumérico, preparando os indicadores que servirão ao controle, abrangendo a condição de uma avaliação objetiva tanto da criança como de cada professor, delimitando o que se alcançou na aprendizagem individual e o que se deu conta de ensinar.

Nesse sentido, é possível perceber que o tempo ganha uma dimensão totalmente diferente da abordagem de Reggio Emilia. A BNCC, ao definir objetivos de aprendizagem para cada grupo etário da educação infantil, faz com que o tempo se torne um instrumento delimitador, que determina a hora de uma atividade acabar para dar lugar a outra, garantindo que todos esses objetivos sejam cumpridos na etapa correta. O próprio sentimento de controle

do trabalho docente e essa responsabilização que a base traz para o educador sobre a aprendizagem das crianças, pode o impedir de dar às mesmas o tempo que elas necessitam para concluir uma atividade ou um projeto de forma significativa. Em Reggio Emilia, as atividades podem levar o tempo que for preciso, as crianças podem, inclusive, retornar a elas no dia seguinte caso sintam necessidade.

De acordo com Barbosa, Silveira e Soares (2019), a BNCC apresenta os direitos de aprendizagem estritamente relacionados ao ambiente escolar, o que representa um retrocesso em relação às discussões que valorizam a criança e seus direitos. Para esses autores, “Os ‘direitos’ de aprendizagem direcionam o enfoque das políticas educacionais para dentro da escola e o trabalho do professor” (p.84).

Assim, a base restringe a educação ao espaço escolar, sem considerá-la como um processo multifacetado que acontece tanto na escola quanto fora dela. Os direitos sociais da criança, como à vida digna, moradia, lazer, saúde, são substituídos por “direitos de aprendizagem”, restritos à educação escolar. O documento também não contempla, de forma aprofundada, a diversidade de infâncias existentes.

Nesse aspecto, pode-se dizer que as DCN para a educação infantil estão mais avançadas que a BNCC, enxergando a criança em sua integralidade, atribuindo a educação infantil a garantia de seus direitos civis, humanos e sociais, contemplando também propostas pedagógicas voltadas para o reconhecimento e valorização das diferentes culturas (BRASIL, 2009).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na literatura utilizada, é possível perceber que as escolas de Reggio Emilia apresentam uma abordagem educacional inovadora, que traz para o centro do processo educativo não só a criança, mas também a família e os professores. Além disso, se inovou pela quebra dos padrões tradicionais das escolas, pois é contrária a visão tradicionalista que coloca o docente como detentor do conhecimento e o aluno como receptor. Nesta abordagem, o professor se propõe a aprender enquanto ensina, baseando a aprendizagem por meio da escuta, que é o centro do trabalho pedagógico.

Dessa forma, foi possível estabelecer algumas aproximações e diferenciações dessa abordagem com as propostas pedagógicas da BNCC, que é o documento normativo para toda a educação básica brasileira. As aproximações pautam-se na forma de se enxergar a criança, como potente, ativa e participativa de seu processo de aprendizagem, bem como na ênfase na interação e brincadeira para o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

No entanto, bem diferente do que Reggio Emilia defende, a base acaba contribuindo para a homogeneização de práticas pedagógicas, limitando a autonomia do professor, apresentando uma visão instrumental fundamentada em uma perspectiva neoliberal para a organização dos conteúdos.

Vale ressaltar que este estudo não tem como objetivo transpor diretamente a abordagem de Reggio Emilia para as escolas brasileiras, visto que é preciso se considerar as muitas diferenças institucionais, sociais e econômicas entre as duas localidades. Mas, propomos uma reflexão quanto às inúmeras contribuições que a abordagem de Reggio Emilia traz para a educação infantil, e como os documentos oficiais que regem nossa educação, em especial a BNCC, abordam essa etapa da primeira infância, quais suas contribuições e limitações para proporcionar à criança brasileira uma educação de qualidade, atraente e significativa, fazendo dela, efetivamente, protagonista de seu processo de aprendizagem e valorizando suas diferentes linguagens.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ivone Garcia et al. a BNCC e a regulação da educação infantil: perspectiva crítica. CONAPE, 2018. Disponível em: < http://www.fnpe.com.br/docs/apresentacao-trabalhos/eixo-01/IVONE_GARCIA_BARBOSA.pdf> Acesso em: 29 de junho de 2022.

BARBOSA, Ivone Garcia; SILVEIRA, Telma Aparecida Teles Martins; SOARES, Marcos Antônio. A BNCC da Educação Infantil e suas contradições: regulação versus autonomia. **Retratos da Escola**, v. 13, n. 25, p. 77-90, 2019.

BARBOSA, R. F. M.; MARTINS, R. L R.; MELLO, A. DA S. A Educação Infantil na Base Nacional Comum Curricular: avanços e retrocessos. **Movimento-revista de educação**, n. 10, p. 147-172, 30 jun. 2019.

BRASIL. MEC. CNE. CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CNE/SEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da criança: A experiência de Reggio Emília em transformação. **Porto Alegre: Penso**, v. 2, p. 399, 2016.

GIARETA, P. F.; LIMA, C. B.; PEREIRA, T. L. A política curricular da BNCC e seus impactos para a formação humana na perspectiva da pedagogia das competências. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 0734-0750, 2022.

FILIPPINI, Tiziana. Características pedagógicas da experiência dos centros e escolas de infância da municipalidade de Reggio Emilia. Palestra proferida em Reggio Emilia, Itália, em 23 fev. 2009.

MALAGUZZI, Loris. História, idéias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 59-104.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

RINALDI, Carlina. O currículo emergente e o construtivismo social. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 113-122.

SÁ, Alessandra Latalisa de. Um olhar sobre a abordagem educacional de Reggio Emilia. **Paidéia**, 2010.